



nº 13 - dezembro de 2014

APRESENTAÇÃO

Os períodos ditatoriais representam momentos de profundo silenciamento social. Sob a extrema censura, poucas obras são produzidas o que, não significa, entretanto, que o conteúdo dos anos vividos durante o período ditatorial tenha sido esquecido ou insignificativo. Se as escrivatinhas dos autores estavam vazias, assim não estavam as gavetas de sua memória. Em uma espécie de “arquivo do sofrimento”, estas memórias perduraram e, quando a ditadura teve fim, seja no Brasil ou em Portugal, estes escritos/gritos vieram à tona, por meio de uma escrita que, mais do que denunciar a realidade social, questiona também sua própria estrutura. Uma escrita consciente de si mesma, que percebe que não há como falar de um período revolucionário por meio de um material anquilosado. Uma escrita que reconhece que tão importante quanto tratar do contexto social da revolução é valer-se de uma escrita também revolucionária.

No ano em que comemoramos os trinta anos das *Diretas Já*, que simbolizaram o fim do período ditatorial brasileiro, e os quarentas anos da *Revolução dos Cravos*, representando o fim da ditadura salazarista portuguesa, a Revista FronteiraZ, em seu número 13, apresenta pesquisas em torno de textos surgidos após os períodos ditatoriais.

Na seção Artigos, Caio Fernando Abreu, em “A dificuldade do ato de narrar em Os sobreviventes”, e António Lobo Antunes, em “Os retornados d’as Naus antunianas: espaço e (des)pertencimento na narrativa contemporânea portuguesa”, são dois dos autores contemporâneos postos em discussão: o estudo de suas obras aponta para a (des)construção do sujeito – fruto de uma época em que a totalidade se sabe perdida – e suas implicações sobre o ato de narrar. As memórias do período ditatorial, por sua vez, são reforçadas por dois outros artigos: “Revisitando Feliz Ano Velho, de Marcelo Rubens Paiva: lembrar é preciso”, e “Apontamentos sobre Ditadura e Loucura em Quatro-Olhos, de Renato Pompeu”. Neste último, estabelece-se um diálogo íntimo entre a loucura e a memória e percepção do golpe militar no Brasil. O estilhecimento da narrativa – marca da literatura contemporânea e reflexo do homem fragmentado que a

produz – é apresentada em “O cheiro do ralo”, artigo destinado ao estudo da obra do escritor paulistano Lourenço Mutarelli, e em “A.S.A – Associação dos Solitários Anônimos de Rosário Fusco: perturbadora ambiguidade”. É interessante observar que a abordagem de diferentes autores e vieses da narrativa brasileira e portuguesa pós-ditatorial guarda em comum o diálogo entre forma e conteúdo, deixando evidente a subversão presente, em termos micro e macroestruturais, nessas escritas da e de liberdade.

Dois trabalhos bastante interessantes compõem a seção *Ensaaios*. “O falso Felix. Monteiro Lobato e o hibridismo das Américas” convida-nos a uma releitura crítica do estudo das Américas a partir da perspectiva de Lobato, a qual se revela bastante distinta dos estudos consagrados e que nos permite evidenciar o pioneirismo inovador do criador da boneca Emília. O ensaio “Bauman: o lugar da literatura na modernidade líquida”, por seu turno, incita-nos a refletir acerca de uma questão bastante relevante na contemporaneidade: o tempo, bem como a respeito do papel assumido pelas artes, em especial a Literatura, em nosso atual contexto.

O acesso a quatro interessantes obras nos é oferecido na seção *Resenhas*: *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*, de Salisbury e Styles, traduzido por Marcos Capano; *A arte da ficção*, de David Lodge, com tradução de Guilherme da Silva Braga; *Perfis brasileiros – Cláudio Manuel da Costa: o letrado dividido*; e *É necessário queimar os hereges: Sébastien Castellion e a liberdade de opinião na época da reforma protestante*, de Leandro Thomaz de Almeida.

Em *Estudos*, o texto “O retorno do sujeito lírico: desapossamento, dispersão e alteridade”, partindo das constatações de Michel Collot, professor de Literatura Francesa da Universidade de Paris, no ensaio “O sujeito fora de si”, propõe a discussão acerca dos questionamentos da subjetividade na lírica moderna, apontando para a crise do lugar ocupado pelo sujeito do discurso na poesia e abrindo caminhos para a investigação sobre os processos de subjetivação nesse gênero literário.

Finalmente, na seção *Entrevista*, contamos com dois importantes convidados: o escritor Ignácio de Loyola Brandão, que nos apresenta sua obra *Zero* como um significativo exemplar da escrita de liberdade no contexto pós-ditatorial brasileiro; e o Prof. Dr. Jaime Ginzburg, que nos oferece uma valiosa reflexão acerca da experiência de Narração e Confinamento em três importantes escritores brasileiros: Caio Fernando de Abreu, Sérgio Sant’Anna e Ivan Ângelo.

Diana Navas